

ESCOLA E DESENVOLVIMENTO HUMANO

School and Human Development

Milena Pellissari Bedim¹

 <https://orcid.org/0000-0003-1219-866X>

332

RESUMO

Atentos ao movimento real do sistema capitalista e diante da crise estrutural em que o mesmo se encontra; por meio do presente artigo iremos evidenciar a importância da educação escolar para a formação humana a partir de bases ontológicas e históricas. No período atual, em que a educação se constitui a partir de pedagogias neoliberais do aprender a aprender; pensar a educação enquanto formação humana, pensar na emancipação do indivíduo enquanto ser social, pensar a própria educação como um ato de trabalho é revolucionário e nos permite desvelar o trabalho educativo e a educação escolar na sua essência. As reflexões acerca da Teoria Social de Marx, a Pedagogia Histórico-Crítica, a Arte, a Ciência e a Filosofia se fazem urgentes e necessárias no campo educacional, pois são elas que nos permitem estar mais próximos da história real da humanidade e de interpretar com veracidade os fatos que nos são apresentados em nosso dia a dia.

Palavras-chave: Educação escolar; Trabalho educativo; Pedagogia Histórico-Crítica.

ABSTRACT

Attentive to the real movement of the capitalist system and facing the structural crisis in which it finds itself; through this article we will highlight the importance of school education for human formation from ontological and historical bases. In the current period, in which education is constituted from neoliberal pedagogies of learning to learn; thinking about education as human formation, thinking about the emancipation of the individual as a social being, thinking about education itself as an act of work is revolutionary and allows us to unveil educational work and school education in its essence. Reflections on Marx's Social Theory, Historical-Critical Pedagogy, Art, Science and Philosophy are urgent and necessary in the educational field, as they allow us to be closer to the real history of humanity and to interpret with truthfulness of the facts that are presented to us in our daily lives.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS em Campo Grande – MS. E-mail: milena.pellissari@ufms.br.



Keywords: School education; Educational work; Historical-Critical Pedagogy.

Introdução

Considerando a crise estrutural do sistema capitalista em que nos encontramos atualmente e todo o desmonte que vem ocorrendo na educação brasileira, evidenciar a educação escolar para a formação humana é de suma importância, já que a base da tarefa educativa é a disponibilização do legado cultural “daí podemos afirmar que não existe ser humano sem educação [...] o que a torna dimensão ontológica fundante da humanidade” (MARTINS, 2021, p. 98).

Na primeira sessão deste artigo optamos pelo aspecto ontológico, pois partir da categoria trabalho nos permite a proximidade com a história real de humanização do homem. Pelos atos de trabalho é possível identificar a evolução do homem enquanto ser social, cultural e político intrínseco ao processo educativo.

Já na segunda sessão faz-se uma relação entre o movimento de humanização do homem através dos atos de trabalho e o surgimento da escola moderna, visando a importância da educação escolar na socialização dos conhecimentos incorporados e sistematizados pelo homem ao longo da sua trajetória evolutiva. Neste sentido acreditamos em uma escola revolucionária que “prima pela formação omnilateral dos indivíduos [...] a eleição de conteúdos aptos tanto e advindos das distintas esferas de objetivações humano-genéricas, a saber, da arte, da filosofia e da ciência” (MARTINS, 2021, p. 100).

E é exatamente sobre estes pressupostos da pedagogia da essência, da arte, da filosofia e da ciência que este artigo é estruturado. Pois acreditamos que não existe texto, aulas, minicursos, palestras, teorias que não atendam a uma classe social (DUARTE, 2021). A totalidade está inserida nas classes sociais, “é sempre a totalidade que apresenta o campo de limites e de possibilidades para cada complexo/dimensão social atuar e se desenvolver” (TONET, 2022, p. 38). Sendo assim, queremos focar nossos esforços teóricos para atender aos interesses da classe trabalhadora.



As considerações finais destes escritos se baseiam na educação enquanto fenômeno intrínseco ao homem; na educação escolar enquanto trabalho educativo; na defesa das ciências, da arte e da filosofia, fundamentais para a construção do conhecimento e na defesa também da pedagogia histórico-crítica, onde a teoria não está dissociada da prática, a teoria sustenta a prática, para que a prática se torne cada vez mais complexa e avançada. Afinal, se procuramos por uma educação revolucionária, precisamos ser revolucionários.

Origem da Educação

Para encontrar na educação o reflexo e o estímulo do real partimos de uma perspectiva ontológica a partir da categoria de trabalho. Não estamos falando de trabalho escravo ou assalariado, mas sim “trata-se do trabalho enquanto transformação da natureza para a produção das condições materiais da existência social” (ROSSI, 2021, p. 32).

É importante sinalizar que visto desta forma o trabalho é categoria que funda o ser social e está ligado à comunicação e às relações sociais, ou seja, é o trabalho que irá possibilitar o surgimento de novas dimensões sociais, como por exemplo: educação, direito, filosofia, arte, política etc. E será sempre a totalidade que irá apresentar o campo dos limites e das possibilidades para cada uma dessas dimensões sociais atuar e se desenvolver. Se a formação da sociedade está alicerçada pelo trabalho, pela comunicação e pelas relações sociais, precisamos considerar aqui a prévia ideação e a objetivação deste trabalho (TONET, 2022). Porque assim se torna mais fácil compreender a produção material e intelectual da humanidade. Para Tonet (2022) o “trabalho é sempre uma síntese entre o momento subjetivo – consciência – e o momento objetivo – realidade natural” (TONET, 2022, p. 38). Chasin também compreende o trabalho dentro destes dois grandes momentos: a consciência e o trabalho efetivo. Ou seja, tudo que o homem constrói com seus atos de trabalho perpassa primeiramente na sua imaginação, idealmente, para depois perpassar a objetivação, a concretização do objeto idealizado. Desde um martelo, casas, prédios, avenidas, carros ou aviões, tudo foi primeiro idealizado na imaginação humana para depois se transformar em objetos reais, tal qual o conhecemos e utilizamos.



Deste modo é enunciada a categoria ontológica central do trabalho: através dele realiza-se, no âmbito do ser material uma posição teleológica que dá origem a uma nova objetividade. Assim, o trabalho se torna o modelo de toda práxis social, na qual, com efeito — mesmo que através de mediações às vezes muito complexas — se realizam sempre posições teleológicas, em última instância de ordem material (LUKÁCS, 1978, p. 07).

Neste sentido Leontiev (2004) nos chama atenção para a forma como os homens obtiveram sua evolução, a) não foi somente por sua herança biológica; e b) as mudanças ocorridas biologicamente não determinam o desenvolvimento sócio-histórico da humanidade. Essa evolução se dá através da produção material e intelectual. A partir do trabalho o homem se diferencia dos animais e exprime uma forma particular de fixação e de transmissão das aquisições evolutivas para as futuras gerações. Da produção material e intelectual do trabalho que o homem incorpora e sistematiza todos os conhecimentos que estão disponibilizados atualmente, e é a partir desses conhecimentos disponibilizados que temos a possibilidade para a criação de novas ideias e novas aprendizagens.

Pela sua atividade, os homens não fazem senão adaptar-se à natureza. Eles modificam-na na função do desenvolvimento de suas necessidades. Criam os objetos que devem satisfazer às suas necessidades e igualmente os meios de produção destes objetos, os instrumentos às máquinas mais complexas. Constroem habitações, produzem as suas roupas e os bens materiais. Os progressos realizados na produção de bens materiais são acompanhados pelo desenvolvimento da cultura dos homens; o seu conhecimento do mundo circundante deles mesmos enriquece-se, desenvolvem-se a ciência e a arte (LEONTIEV, 2004, p. 283).

Temos assim o conceito de Educação na sua forma mais ampla: apropriação da cultura elaborada e sistematizada pelas gerações passadas e que não são transmitidas por fatores biológicos. Aprendemos a ser humanos, ou seja, não basta ter acesso à natureza, é necessário ter acesso a todo processo histórico-social produzido pelo homem e esse movimento pode ser chamado de processo educativo. Essa é a função social que a Educação cumpre em todas as sociedades. O como será realizado esse fato, vai depender da totalidade (LEONTIEV, 2004). A forma de aquisição desse desenvolvimento histórico é sempre ativa, porque é a sociedade enquanto totalidade que forma a educação, a escola, o trabalho educativo etc.



Quanto mais progride a humanidade, mais rica é a prática sócio-histórica acumulada por ela, mais cresce o papel específico da educação e mais complexa é a sua tarefa. Razão por que toda etapa nova no desenvolvimento da humanidade, bem como dos diferentes povos, apela forçosamente para uma nova etapa no desenvolvimento da educação: o tempo que a sociedade consagra à educação das gerações aumenta; criam-se estabelecimentos de ensino, a instrução toma formas especializadas, diferencia-se o trabalho do educador do professor; os programas de estudo enriquecem-se, os métodos pedagógicos aperfeiçoam-se, desenvolve-se a ciência pedagógica (LEONTIEV, 2004, p. 291).

Já compreendemos que a educação se origina a partir de situações de trabalho e que se não fosse o trabalho não teriam técnicas, valores, habilidades e conhecimentos para serem abstraídos, ou seja, “a educação será a dimensão social responsável pelo processo de apropriação e transmissão dos conhecimentos, habilidades, valores, ideias e técnicas perante os limites e as possibilidades de uma determinada totalidade social” (ROSSI, 2021, p. 36). Saviani (2021) deixa claro que para garantir a sua existência material, o homem necessita produzir seus meios de subsistência numa escala cada vez mais ampla e complexa e para isso é preciso “antecipar em ideias os objetivos da ação, o que significa que ele representa mentalmente os objetivos reais” (SAVIANI, 2021, p. 12). O autor ainda chama atenção para a maneira como a humanidade encontrou para dar forma às suas ideias a partir do mundo real (ciência), de valorização (ética) e de simbolização (arte), revelando possibilidades para o chamado trabalho não material (SAVIANI, 2021), ou seja, toda a produção de ideias, valores, conceitos, atitudes, hábitos que a humanidade produz e “a educação situa-se nessa categoria do trabalho não material” (SAVIANI, 2021, p. 12).

336

Assim, Saviani (2021) distingue duas grandes modalidades dentro da produção não material: a) atividades em que o produto se separa do produtor, neste caso existe um intervalo entre a produção e o consumo, como por exemplo, os livros, e b) atividades em que não se separa o produto do produtor, neste caso não existe intervalo entre a produção e o consumo. É nesta modalidade de trabalho não material que se encontra a educação, como por exemplo, a aula para acontecer necessita tanto da presença do professor quanto da presença do aluno, “o ato de dar aula é inseparável da produção desse ato de consumo. A aula é, pois, produzida e consumida ao mesmo tempo” (SAVIANI, 2021, p. 12). É nesta modalidade também que se enquadra o trabalho educativo.



Conseqüentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (SAVIANI, 2021, p. 13).

Partindo de uma concepção marxista e histórico-ontológica, pensamos a educação enquanto formação humana e na emancipação do indivíduo enquanto ser social, “dizer, pois, que a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos significa afirmar que ela é, ao mesmo tempo, uma exigência do e para o processo de trabalho, bem como é, ela própria, um processo de trabalho” (SAVIANI, 2021, p. 10). Compreendendo a origem da educação, Manacorda (1992) nos traz a luz a história da educação enquanto processo educativo pelo qual a humanidade elabora a si mesma, em seus vários aspectos. Desde as tradições e costumes, na instrução intelectual, na aprendizagem de um ofício e mais especificamente na institucionalização da escola tanto nas sociedades egípcia, grega, romana e eclesiástica quanto na sociedade moderna, a educação não se reduz ao ensino, entretanto ensino é educação e, como tal, participa do fenômeno educativo (SAVIANI, 2021).

337

Concordamos com Manacorda (1992) quando explicita que ao organizar historicamente a origem da educação, não estamos pretendendo indagar sobre os sistemas de ideias em si, mas sim “procurar nelas o reflexo e o estímulo do real, compreender como de época em época o objetivo da educação e a relação educativa foram concebidos em função do real existente e de suas contradições” (MANACORDA, 1992, p. 07). Porque a história da educação está atrelada à história da humanidade e o discurso pedagógico deve ser sempre social e político.

É visível que a educação sendo inerente à formação humana, se transforme ao longo da história seguindo o ritmo das mudanças que os próprios homens realizam em suas trajetórias sociais. Na Alta Idade Média (início do século VI), por exemplo, observam-se fenômenos políticos significativos.



De um lado, alguns reinos romano-bárbaros já se implantavam firmemente em territórios do Império do Ocidente, onde a única autoridade política autenticamente romana é a Igreja e especialmente o papado; de outro lado, o Império do Oriente conserva ainda a sua unidade e a sua força, o que lhe permitirá tentar a reconquista do Ocidente (MANACORDA, 1992, p. 111).

Toda luta ideológica e política reflete no sistema educacional da sociedade vigente da época. Neste período observa-se o gradativo desaparecimento da escola clássica e a formação da escola cristã. Entretanto, "o nível cultural é muito baixo quer entre os bárbaros, quer entre os homens da Igreja, quer entre os representantes do império" (MANACORDA, 1992, p. 111). Vê-se fundir e se expandir a instrução em mosteiros, esta escola preparava para o sacerdócio e não era aberta a todos.

O próprio costume de muitos pais, de "oferecer" aos conventos seus filhos ainda crianças (os chamados oblati, isto é, os oferecidos), para que fossem preparados para a vida monástica (um destino, de qualquer forma, melhor do que o das crianças vendidas aos bárbaros na época de Valentiniano III), comportou necessariamente uma obra de educação e de instrução religiosa (MANACORDA, 1992, p. 116).

338

As iniciativas educativas do clero mantém o ensino a partir do alfabeto e da aprendizagem mnemônica das letras, organizada em versos, sílabas e posteriormente a leitura de textos, inserindo neste processo de alfabetização os salmos, as sagradas escrituras, a lei eclesiástica e a história de vida dos santos. O cálculo passa cada vez mais a ser ferramenta somente para calcular as estações e as horas de liturgia. A educação cristã se faz muito mais pela aculturação do que pela instrução. Na Baixa Idade Média a igreja ganha força e seus ensinamentos se tornam quase que universais, "a ciência é dom de Deus, portanto, não pode ser vendida, dirão insígnos doutores e as bulas pontifícias repetirão: o saber, de fato, embora fundado nas artes liberais, consistia na doutrina cristã e culminava na teologia" (MANACORDA, 1992, p. 142). É a ascensão da sociedade e igreja feudais.

A antiga herança romana e a recente experiência educativa feudal contribuem para esboçar e projetar uma possível educação moderna. Depois do ano 1000 surgem os mestres livres e as



universidades, a partir da história econômica e social são os séculos do nascimento das comunas e das corporações de artes e ofícios, ou seja, é o início do desenvolvimento urbano-burguês.

Surgem novos modos de produção, em que a relação entre a ciência e a operação manual é mais desenvolvida e a especialização é mais avançada; para isso é necessário um processo de formação em que o simples observar e imitar começa a não ser mais suficiente. Tanto nos ofícios mais manuais quanto naqueles mais intelectuais, é exigida uma formação que pode parecer mais próxima da escolar, embora continue a se distinguir da escola pelo fato de não se realizar em um "lugar destinado a adolescentes"; mas no trabalho, pela convivência de adultos e adolescentes. Surge agora o tema novo de uma aprendizagem em que ciência e trabalho se encontram e que tende a se aproximar e a se assemelhar à escola. É o tema fundamental da educação moderna que apenas começa a delinear-se (MANACORDA, 1992, p. 161).

Nesse sentido, Manacorda (1992) nos permite uma singela reflexão, diante das antigas estruturas encontra-se um novo problema: existia uma preocupação com a aprendizagem de um ofício, essa aprendizagem se concentrava basicamente na sua operação didática. Existia um aspecto meramente executivo e por outro lado o aspecto científico, relacionado ao "segredo da arte", que não foi sistematizado nem articulado com os demais conhecimentos gerais. Mais uma vez, aqui somente a medicina e arquitetura eram consideradas ciência de fato. Ou seja, quem dominava "os segredos da arte" era considerado dominante sobre as relações ciência e produção: "seus protagonistas sempre tiveram como cultura os cacos da ideologia das classes dominantes que os aculturavam e só algumas migalhas de instrução formal do ler, escrever e fazer contas" (MANACORDA, 1992, p. 167).

Estamos tentando refletir sobre a origem da educação atrelada ao próprio desenvolvimento da sociedade humana pelos atos de trabalho. Desde a sociedade egípcia, grega, romana e eclesiástica, percebemos avanços e retrocessos nos modelos sociais, educativos e de trabalho. Trazendo a luz os dias atuais, visualizamos que o "segredo da arte" continua ainda elitizado e sendo utilizado para a manutenção de uma sociedade que se divide entre dominantes e dominados. O conhecimento científico ainda não chega a toda à sociedade, principalmente àqueles que mais necessitam de instrução, de ciência, arte e filosofia, dos conhecimentos mais elaborados ao longo da história humana.

Origem da Escola na Sociedade Moderna

Constatamos até aqui que Educação é um fenômeno muito mais amplo e vai além do ensino. A educação possui identidade própria e por esse motivo foi possível sua institucionalização. O objeto da educação é a identificação dos elementos culturais e a descoberta das formas adequadas para o trabalho pedagógico (SAVIANI, 2021). Dessa forma, nasce a escola, “a escola existe, pois, para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos do saber” (SAVIANI, 2021, p. 14).

Muito dos conhecimentos transmitidos atualmente na escola advém de todo o saber produzido e internalizado pelo homem ao longo de sua história. “A escola é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado” (SAVIANI, 2021, p. 14). Saber sistematizado, cultura dos clássicos (erudita), cultura letrada, ou seja, é preciso saber ler, escrever, realizar cálculos, compreender a linguagem das ciências naturais e sociais. Como já citado, todo esse conhecimento elaborado perpassa pela história da educação, pelas sociedades egípcia, grega, romana etc e está intimamente intrínseca à evolução humana.

Mas em que momento da história do homem esses conhecimentos passaram a ser transmitidos para todas as pessoas? A sociedade moderna é aquela que passa por uma ruptura entre o sistema feudal e o modo de produção capitalista. Meados do século XIX, a classe em ascensão é a burguesia. Neste momento considerada uma classe revolucionária, defende a igualdade entre os homens. E para isso se utiliza da história, alegando que “a dominação da nobreza e do clero era uma dominação não natural, não essencial, mas social e acidental, portanto, histórica” (SAVIANI, 2021, p. 32).

Naquele momento, a burguesia colocava-se na direção do desenvolvimento da história e seus interesses coincidiam com os interesses do novo, com os interesses da transformação [...] Esse raciocínio não significa outra coisa senão colocar diante da nobreza e do clero a ideia de que as diferenças, os privilégios de que eles usufruíam, não eram naturais e muito menos divinos, mas eram sociais. E enquanto diferenças sociais configuravam injustiças; enquanto injustiça, não poderiam continuar existindo (SAVIANI, 2021, p. 32).



O discurso da sociedade burguesa era de que o modelo feudal deveria ser substituído por uma sociedade igualitária. Esse sistema burguês toma a frente desta reforma substituindo a então sociedade de direito natural pela sociedade contratual. Essa nova sociedade baseia-se na liberdade e igualdade, o homem é um ser livre e pode dispor de sua liberdade da forma que lhe agrada. Muda-se assim, toda a estrutura social.

[...] do trabalhador servo, vinculado à terra, para o trabalhador não mais vinculado à terra, mas livre para vender a sua força de trabalho e ele a vende mediante contrato. Então, quem possui os meios de produção é livre para aceitar ou não a oferta de mão de obra, e vice-versa, quem possui a força de trabalho é livre para vendê-la ou não, para vendê-la a este ou aquele, para vender a quem quiser. Esse é o fundamento jurídico da sociedade burguesa (SAVIANI, 2021, p. 33).

É essa burguesia que vai estruturar o sistema de ensino moderno e definir a escolarização para todos a partir de meados do século XIX. Para se consolidar a sociedade burguesa era preciso não mais servos, mas sim, cidadãos; cidadãos que participassem do processo político e da ordem democrática burguesa, a escolarização para toda a população era condição primária. Nesse sentido a escola já surge com um papel político claro. É preciso ressaltar que neste momento histórico, a instituição de uma escola para todos foi um grande avanço, uma revolução social e política da época. A escola é uma conquista civilizatória, a partir dela foi possível socializar os conhecimentos produzidos e sistematizados historicamente pela humanidade.

Com a Revolução Industrial nasce o ensino tradicional, que é implantado em várias redes de ensino nacionais, pautado no método pedagógico expositivo e que auxiliou a ascensão da sociedade burguesa. A escola passa a ser a redentora da humanidade (será que é?), universal, gratuita e obrigatória, um instrumento para a consolidação da democracia: a escola enquanto um aparelho ideológico. Neste sentido é possível visualizar os avanços e as limitações da liberdade e da igualdade no capitalismo.

O discurso da liberdade e igualdade soa deslumbrante, fraterno e quase que altruísta, entretanto, com a evolução do modo de produção capitalista, o ideal político das massas entra em contradição com os interesses da própria burguesia. A partir do momento em que a burguesia se consolida no



poder, seus interesses não se relacionam mais à transformação da sociedade, mas sim, a manutenção do *status quo*; “para a burguesia defender seus interesses, ela não tem outra saída senão negar a história, passando a reagir contra o movimento da história” (SAVIANI, 2021, p. 33).

E este movimento pode ser visualizado na estruturação dos sistemas de ensino, quando temos a predominância da pedagogia da existência em contraste com a pedagogia da essência. Sendo a pedagogia da existência reacionária e a pedagogia da essência revolucionária (SAVIANI, 2021). A chamada pedagogia da existência legitima as desigualdades quando considera que os homens não são iguais, são diferentes e é preciso respeitar essas diferenças, pois alguns terão maiores e melhores capacidades do que outros. Legitima assim a dominação, a sujeição e os privilégios. Evidencia o ensino do aprender a aprender ou aprender a fazer, onde o que importa é o como ensinar e não o que ensinar de fato. Já a pedagogia da essência é aquela que defende a igualdade essencial entre os homens e a eliminação de privilégios e do trabalho alienado. Evidencia o ensino a partir dos clássicos, dos conteúdos mais elaborados e sistematizados ao longo da história humana, apontando as Artes, a Ciência e a Filosofia como protagonistas na transmissão desses conteúdos.

342

[...] no caso da pedagogia da existência e da essência, a burguesia constrói os argumentos que defendem a pedagogia da existência contra a pedagogia da essência, pintando essa última como algo tipicamente medieval. Nesse sentido, ela deixa de assumir a pedagogia da essência como uma conquista dela própria (SAVIANI, 2021, p. 35).

A pedagogia da existência se consolidou com o movimento da Escola Nova, que tentou articular o ensino ao desenvolvimento da ciência, ou seja, considerou o ensino como um processo de pesquisa, “se assenta no pressuposto de que os assuntos de que trata o ensino são problemas, isto é, são assuntos desconhecidos não apenas pelo aluno, como também pelo professor” (SAVIANI, 2021, p. 37). Deste modo, realizou duras críticas ao ensino tradicional, que ao contrário da Escola Nova, articula o ensino com os produtos da ciência.

Mas o que de fato o ensino tradicional propõe? Este ensino propõe-se a transmitir os conhecimentos obtidos pela ciência, já sistematizados e incorporados pelo homem ao longo de sua história. Assim, o ensino tradicional privilegia os métodos de transmissão dos conhecimentos,



centra-se nos conhecimentos obtidos pela ciência, sistematizados e incorporados pela humanidade e no professor que domina esses conteúdos. Já os métodos novos, advindos da Escola Nova centram-se nos processos de obtenção desses conhecimentos, “a Escola Nova acabou por dissolver a diferença entre pesquisa e ensino, sem se dar conta de que, assim fazendo, ao mesmo tempo em que o ensino era empobrecido inviabilizava-se também a pesquisa. O ensino não é um processo de pesquisa” (SAVIANI, 2021, p. 38).

Este novo ensino se estrutura basicamente desta forma 1) se inicia por uma atividade, ao longo do percurso pode surgir algum problema e esse problema deve ser solucionado; 2) todos os envolvidos neste processo – alunos e professores – começam a coletar dados documentais ou de campo; 3) esses dados irão colaborar para a elaboração de hipóteses; 4) a partir da hipótese formulada testa-se a mesma por experimentação. Assim a Escola Nova centra-se “nas motivações e interesses da criança em desenvolver os procedimentos que a conduzam à posse dos conhecimentos capazes de responder às suas dúvidas e indagações” (SAVIANI, 2021, p. 38). Percebe-se que este método é gnosiológico e não ontológico, ou seja, é baseado nas ideias do sujeito e não no movimento real do objeto. Por esse motivo não se tem uma perspectiva concreta e verídica dos resultados obtidos.

343

No artigo intitulado “Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda”, José Moran (2018) deixa esse aspecto gnosiológico claro quando o autor afirma que a) a aprendizagem por questionamento e experimentação é mais relevante, mais amplo e profundo; b) evidencia que aprendemos mais facilmente aquilo que nos interessa a partir do contexto e competências, baseando-se num ecletismo metodológico, cita Dewey, Freire, Ausubel, Piaget, Vigotsky, Bruner etc; c) ressalta que o ensino regular é importante muito mais pelo seu caráter institucional, pelos anos de certificação e investimentos envolvidos do que pela aprendizagem propriamente dita; d) a sala de aula pode ser um lugar privilegiado de cocriação e cultura *maker* e que o essencial é estimular a criatividade e o empreendedorismo; e e) o professor é um orientador e mentor e que quando o professor fala menos a aprendizagem é mais significativa.



E tudo isso baseado em neurociência “o processo de aprendizagem é único e diferente para cada ser humano, e que cada pessoa aprende o que é mais relevante e o que faz sentido para si, o que gera conexões cognitivas e emocionais” (MORAN, 2018). Já citamos aqui que a pedagogia da existência possui este caráter de diferenciar os homens e com isso aumentar as desigualdades no ambiente escolar, no trato social e no cotidiano. “A psicologia cognitiva também mostra a importância do *mindset*, ou mentalidade, para a prontidão e ritmo da aprendizagem” (MORAN, 2018). Ou seja, a escola se transforma em ambiente para desenvolvimento de habilidades e competências. Fica claro que esta metodologia se enquadra nas pedagogias do aprender a aprender, que não favorece a transmissão de conteúdos, a assimilação e construção de conhecimentos mais elaborados, mas sim, visa a educação enquanto mercadoria e atende aos interesses do capital, reforça o discurso ideológico da classe social dominante e não possui nada de revolucionário.

Partindo de uma pedagogia do aprender a aprender teremos alunos marginalizados; marginalizados socialmente porque não possuem capital econômico e marginalizados culturalmente porque não possuem capital cultural, assim a educação e a escola não se tornam um fator de superação da marginalidade, mas sim um elemento reforçador da mesma (SAVIANI, 2021). O projeto neoliberal de escola é aquele que visa o trabalhador com uma nova roupagem: empreendedor, flexível e adaptável a qualquer situação. E é por este motivo que este artigo foi elaborado, para evidenciar que as reflexões acerca da Teoria Social de Marx, a Pedagogia Histórico-Crítica, a Arte, a Ciência e a Filosofia se fazem urgentes e necessárias no campo educacional, pois são elas que nos permitem ficar mais próximos da história real da humanidade e do seu desenvolvimento e de interpretar com veracidade os fatos que nos são apresentados no cotidiano.

A questão é que a partir do momento em que a Escola Nova se consolida, o ensino é empobrecido. Pois, só é possível realizar pesquisa confrontando o que já é de domínio e conhecimento da ciência, se não dominamos o que já é conhecido não será possível detectar o que ainda não conhecemos (SAVIANI, 2021). Deixa-se de refletir sobre **o que** deve ser ensinado para se refletir sobre **o como** deve ser ensinado, assim dilui-se os conteúdos de aprendizagem das camadas populares, transfere-se a preocupação com os objetivos e conteúdos para os métodos.



Por esse motivo, reforçamos que a escola deve sim se basear na Arte, Ciência e Filosofia e na transmissão dos clássicos. A Ciência como uma possibilidade de transpor a aparência dos objetos para compreender seu real movimento na sociedade, “a ciência pode avançar sobre o aparente imediato e, com isso, apreender novas articulações, novas determinações e vínculos do seu objeto com a totalidade social, num movimento de aproximação da essência daquilo estudado” (ROSSI; ROSSI; ASSUMPÇÃO, 2020, p. 144). A Arte enquanto conteúdo essencial humano: “a arte faz com que o indivíduo pela via da subjetividade, por meio de sentimentos genuínos perceba a realidade humana para além das aparências e alcance um patamar elevado de conscientização, chegando à raiz, ou seja, à essência dos dilemas e contradições históricos” (ROSSI; ROSSI; ASSUMPÇÃO, 2020, p. 149). E a Filosofia, pois é a forma mais elaborada de o homem se compreender enquanto espécie e evolução, “o ser da filosofia é o mundo humano, o homem em seu processo de autoconstrução e, portanto, socialização permanente e crescente” (ROSSI; ROSSI; ASSUMPÇÃO, 2020, p. 150).

345

O processo educativo partindo destes pressupostos leva a uma democratização da escola, atende aos interesses da classe trabalhadora e torna possível a prioridade de conteúdos “que é a única forma de lutar contra a farsa do ensino” (SAVIANI, 2021, p. 45). Não estamos com isso afirmando que a escola é a redentora da humanidade, mas sem ela, muito menos será realizado. Estamos afirmando que “a natureza da prática pedagógica implica uma desigualdade real e uma igualdade possível” (SAVIANI, 2021, p. 63), sabendo dessa desigualdade precisamos lutar por essa igualdade possível, através dos conteúdos e da prática social empenhada na transformação das relações de produção, pois, “lutar contra a marginalidade por meio da escola significa engajar-se no esforço para garantir aos trabalhadores um ensino da melhor qualidade possível nas condições históricas atuais” (SAVIANI, 2021, p. 26). O dominado só irá se libertar a partir do momento em que ele também dominar os conhecimentos que os dominantes dominam, para Saviani (2021) está é a condição de libertação.

Por fim, acrescentamos que se a Educação é um fenômeno intrínseco ao homem, a escola e o processo educativo só alcançarão esse patamar democrático se os professores e os agentes envolvidos neste processo entenderem esta luta, compreenderem que a teoria é o que dá base para



as práticas pedagógicas, que a Ciência, a Arte e a Filosofia são de extrema importância na escolha e organização dos conteúdos e de que o Estado nos oferece formações de baixa qualidade e salários irrisórios justamente para desqualificar o trabalho docente e garantir que a escola pública seja mal falada, mal vista e mal avaliada tanto pelo setor público quanto pela sociedade em geral. Se a escola é feita por pessoas, essas pessoas precisam estar amparadas pelo que de mais elaborado e sofisticado a humanidade já conseguiu criar, sejam saberes científicos, teorias ou aparatos tecnológicos e pela escolha de uma teoria educacional compatível com todos estes objetivos: a Pedagogia Histórico-Crítica.

Considerações Finais

A partir dos pressupostos apresentados ao longo deste artigo podemos afirmar que a educação é de suma importância para a formação humana e de que a escola possui um papel primordial nesta formação. A escola não pode ser vista como redentora da humanidade, mas muito pouco poderá ser revolucionado sem ela, principalmente quando temos 33,1 milhões de pessoas passando fome no Brasil, 342 mil alunos em situação de evasão escolar, 11,3 milhões de brasileiros sem emprego. Esses dados só refletem e reforçam a crise estrutural do modelo capitalista ao qual estamos inseridos e nos mostram o quão urgentes se fazem as reflexões a partir da Teoria Social de Marx para a compreensão da realidade na qual a escola está inserida e de que compreender a educação através da Pedagogia Histórico-Crítica é o melhor caminho para combater os pressupostos pedagógicos neoliberais que contribuem com a alienação e o empobrecimento dos conteúdos escolares, da arte, da ciência e da filosofia.

Portanto, algumas considerações são realizadas: a) educação é um fenômeno próprio dos seres humanos; b) para entender educação partimos da categoria trabalho, pois o homem necessita transformar constantemente sua realidade na medida em que vai evoluindo; c) a educação é um processo de trabalho, por esse motivo temos o trabalho educativo que se desenvolve por meio da escola e dos saberes devidamente sistematizados; d) considerando a pedagogia histórico-crítica, a escola é um ambiente de socialização de esses saberes sistematizados e que deve priorizar os conteúdos; e) estes conteúdos por sua vez precisam considerar o que há de mais elaborado entre as



Artes, a Ciência e a Filosofia; e f) somente assim colocaremos em prática uma pedagogia da essência, ou seja, uma pedagogia revolucionária.

A educação escolar tem muito que contribuir, principalmente com a classe trabalhadora, a que mais necessita e tem por direito o acesso a esses saberes elaborados e sistematizados, pois, como já citado "o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então, dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação" (SAVIANI, 2021, p. 45).

Referências

AGÊNCIA BRASIL. Volta às aulas contrasta com evasão escolar de 342 mil alunos. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/educacao/audio/2022-02/volta-aulas-contrasta-com-evasao-escolar-de-342-mil-alunos>. Acessado em: 22/06/2022.

CARTA CAPITAL. Fome cresce no Brasil e atinge 33,1 milhões de pessoas em 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/fome-cresce-no-brasil-e-atinge-331-milhoes-de-pessoas-em-2022/>. Acessado em: 22/06/2022.

CHASIN, José. Método Dialético. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/chasin/ano/mes/metodo.htm>. Acessado em: 31/05/2022.

DUARTE, Newton. Pesquisa Educacional e a defesa do ser humano. **Revista GESTO-Debate**, v.21, n.11. Jan/dez 2021, p. 189-204.

G1 ECONOMIA. Desemprego cai para 10,5% em abril e atinge 11,3 milhões. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/05/31/desemprego-fica-em-105percent-em-abril.ghtml>. Acessado em: 22/06/2022.

LEONTIEV, A. O desenvolvimento do psiquismo. São Paulo: Centauro, 2004.

LUKÁCS, G. As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem. Temas de Ciências Humanas n. 4. Tr. C.N. Coutinho, São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

MARTINS, Lígia Márcia. Escola e Conhecimento. **Revista GESTO-Debate**, vol. 21, n. 06, p. 97-106, jan/dez 2021.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias.** 3º ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol. 22, n.19, p.332-348, jan/dez 2022.

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.



MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

ROSSI, R; ROSSI, A; ASSUMPÇÃO, M. A objetividade da ciência, a grande arte e a filosofia na educação escolar. **InterMeio**: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v.26, ns.51 e 52, p.140-158, jan./dez.2020.

ROSSI, R. Ontologia e Método na Pesquisa em Educação. **Pedagogia Histórico-Crítica e educação escolar: reflexões de ensino e pesquisa**. 1º ed. Campo Grande: Editora Têlos Educativa, 2021.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. Ed. 44. Campinas – SP: Autores Associados, 2021.

_____. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. 12.ed. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2021.

TONET, Ivo. A importância do Método Científico de Marx. **Revista GESTO-Debate**, vol. 22, n. 02, p. 33-42, jan/dez 2022.